

EDITORIAL

Durante os últimos dois anos muitas vezes me perguntei se valeria a pena continuar com a edição da Revista InVisibilidades, porque tem sido um caminho bastante árduo, cheio de contratempos, de dificuldades em encontrar artigos inovadores e relevantes para o tema da revista. Mas a tenacidade do Aldo Passarinho e da sua equipe do Lab:ACM convenceram-me a não deixar de lado este projeto editorial que conta agora com dez anos de existência. A INVISIBILIDADES, Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes é a única estrutura da Rede Ibero-americana de Educação Artística que foi criada em 24 de Maio de 2008 no Congresso Ibero-americano de Educação Artística, em Beja, Portugal, e tem por finalidade publicar e divulgar trabalhos técnico-científicos nas áreas de Educação Artística, Ensino de Arte, Arte/educação, Arte e Cultura e demais temas correlatos. Este ano, celebramos também o décimo aniversário da Rede Ibero-americana de Educação Artística- RIAEA, com o terceiro congresso em Coimbra (29-30 de junho e 1 de julho de 2018). Creio que tanto a rede como a revista merecem uma profunda revisão de sentido e propósitos. Hoje existem muitas plataformas virtuais e revistas académicas para os investigadores publicarem os seus artigos, não temos necessidade de mais uma revista com esse teor. Existem muitas redes inter-universitárias e de centros de investigação que realizam encontros para expor e discutir a investigação em arte e em educação artística or arte-educação. As associações de professores de artes como a APECV têm cada vez menos pessoas interessadas em fazer projetos colaborativos, em Portugal a maioria dos professores estão completamente desmotivados para a construção e partilha dos saberes em redes independentes. Então não é de admirar que nos sujam muitas dúvidas! Mas, por outro lado faz-me pena deixar morrer um sonho criado por tantas pessoas que contribuíram para os dez anos da revista. Recordo com saudade a energia de Ricardo Reis e avanço com o Aldo Passarinho para mais um número da revista.

E aqui está o resultado deste remar contra a maré, a partir de convites a educadores e a professores artistas, que estão a trilhar caminhos entre a arte e a educação. Juntámos artigos originais e relatos de performances. Alguns deles sobre o tema da chamada de trabalhos para este número 'Arte e Migrações' outros nem tanto. Mas, não seremos todos nós migrantes nos territórios estrangeiros da Arte? Não estaremos nós imigrantes e emigrantes nos terrenos estranhos da Educação? Entre mapas de cidades estranhas, percorremos trilhos espinhosos, valas escorregadias e penhascos assustadores. Este tem sido o tipo de percurso do professor-artista; os caminhos e os becos do educador-artista e talvez lá bem no fundo seja isso a verdadeira natureza da arte na educação: uma história de migrações!

O número dez começa assim, com um artigo de Carlos Escaño, que creio que vai mudar a nossa maneira de ver a arte na sociedade. O título: 'Alterglobalización, artes y educación para derribar fronteras' dá conta do recado, reflete sobre fundamentos y exemplos inspiradores de ações que promovem políticas educativas e culturales promotoras da emancipação social, numa perspectiva Freiriana frente às consequências do paradigma da globalização que tem vindo a criar cada vez mais muros e fronteiras. Carlos relata um tipo de ações realizadas por coletivos à margem da educação formal e da cultura oficial. Talvez que estes coletivos estejam a trilhar caminhos diferentes para a arte na educação! Através das suas experiências apontam-se mudanças no modo como se aprende através de valores sociais; ambientais e culturais completamente antagónicos das vigências neo-liberais.

A seguir os leitores poderão encontrar um relato visual de performance por uma ação com uma subtileza tal que se relata por imagens no silêncio das palavras. Uma oferta para Oxum evocando as palavras de Kafka, mais terrível do que o canto é o silêncio das sereias. Deixamos nas entrelinhas uma infinidade de leituras e de associações possíveis à arte na educação.

No terceiro artigo, de José Alberto Ruffoni Castellano y Rosa Vives Almansa fala-se das questões de Género na arte, um território também de marcadas migrações onde muitas passageiras foram eliminadas. Os autores analisam com detalhe obras de fotografias de Francesca Woodman e de Claude Cahun, polaridades entre mostrar-se e camuflar-se trazendo o tema do corpo como discurso.

No artigo que se segue, um ensaio muito bem estruturado de Montserrat Rifà-Valls com o título 'Arquitecturas contemporáneas de la migración: transitando por espacios, subjetividades y educación en Reporting from the front', a autora interpreta a relação entre arquitectura contemporânea e migrações a partir de um enfoque em estudos feministas poscoloniais da cultura visual e de teorias pós humanas sobre subjetividade, analisando umas seleção de espaços da 15ª Bienal Internacional de Arquitectura de Veneza, agrupadas por Alejandro Aravena com o título

'Reporting from the front', segundo a exploração dos cinco conceitos teóricos: ruína, deslocamento, devir, heterotopia e periferia. A autora reflete sobre a sua trajetória nestes espaços para terminar com o traçado de linhas de fuga para um curriculum possível de educação artística.

Maja Maksimovic, a seguir a Montserrat, traz-nos uma outra história de uma outra região, também marcada por tristes histórias de guerra, protestos e migrações: 'Transforming the second floor: an illustration of critical spatial practice'. Maja conta-nos de como é possível fazer ações ativistas em contextos de educação de adultos na Faculdade de Filosofia da Universidade de Belgrado na Sérvia. Fala-nos da necessidade de ações ativistas aqui e agora com as artes na educação, mais do que uma necessidade: uma urgência!

Na sequência do artigo de Maja trazemos uma visão sensível da migração, o texto que acompanha a performance de Paulo Emílio Macedo Pinto 'Irmão Peregrino'.

Voltamos ao tema do corpo em 'HUELLAS. La deconstrucción del cuerpo y la migración de la idea de retrato através de una propuesta de investigación artística' onde Jesús Caballero Caballero reflete sobre as representações do retrato. E na linha do retrato e da autobiografia contrapomos um outro relato poético de Paulo Emílio Macedo Pinto: 'O silêncio das imagens ou do início de uma (auto)biografia'.

Como narrativas de ações de educadores-artistas no terreno, publicamos o artigo da Brasileira Durcelina Maria Coelho de Oliveira 'Migração no enfoque Multicultural e nas Artes Arte sem fronteira com outro olhar', que dá conta de uma iniciativa da autora, que se considera também migrante, em Espanha. E terminamos com a experiência da Mexicana Estrella Luna Muñoz com o relato visual 'Arte, Multiculturalidad e Integración' onde são narradas as experiências que tem levado a cabo na cidade de Lisboa.

*Teresa Torres de Eça
InSEA / APECV*